

Uma Lembrança de Portinari¹

Mario Giambiagi

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/CNPq
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150, Urca
22290-180 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil

¹ Trabalho para o Projeto Portinari (apresentado no ano de 1992).

UMA LEMBRANÇA DE PORTINARI

Mario Giambiagi

Passados 30 anos da morte de Portinari, a sua presença continua viva na nossa memória. Queremos aqui relembrá-lo, não por meio de um comentário sobre a sua obra pictórica, mas sim pela impressão que nos causou em 1947, quando de sua viagem a Buenos Aires e, também, através de breves encontros que tivemos com o pintor no Rio. Nessas oportunidades, pudemos perceber a fina sensibilidade e o perfil humano dessa grande figura que foi Portinari.

I) - Buenos Aires

Corria o ano de 1947; eu tinha 19 anos e as inquietações próprias de um estudante adolescente. Pelos jornais soube-mos de uma exposição a se realizar na Galeria Peuser^(*) no mês de julho. Nessa época eu partilhava a amizade de um grupo de estudantes do Centro Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes ; eles me alertaram sobre a importância da exposição, porque se tratava de um prestigioso pintor brasileiro. E lá estivemos, no dia da inauguração e - depois - diversas vezes. Não pertencíamos à área artística mas, sim, à de Ciências Exatas.

Além disso, é necessário lembrar que, preocupados com os problemas sociais, militávamos na política universitária. O fato de Portinari ser um pintor obsesionado pelas questões sociais, influenciou em nosso entusiasmo por conhecer sua obra, como aconteceu com vários setores da esquerda argentina. Por isso, um

(*) situada na "calle Florida".

crítico argentino dizia: "... Portinari es un notable pintor, destacado en el ambiente de América: sólo que lo es por razones que no son las que más se invocan..." [1]. Contudo, Portinari tinha uma opinião coincidente, muito clara a esse respeito, embora mais abrangente. Em uma entrevista à escritora argentina María Rosa Oliver, publicada na revista Sur (dirigida pela conhecida escritora Victoria Ocampo) [2], Portinari diz: "Los que afirman que un artista no debe ser político, dicen un desatino... . David fue diputado en la Convención de la Revolución Francesa; Coubert diputado por la Comuna; Delacroix, concejal de Paris.... Pero al artista le es hoy más difícil que nunca quedar al margen de los acontecimientos. ¿Su primera condición no es acaso ser sensible?". E, à pergunta de María Rosa Oliver: "¿Cree usted en el arte social?", Portinari respondeu logo: "La pintura, antes de ser social debe ser buena (o sublinhado é nosso). Los que no pueden dar el mensaje social en buena pintura, que vayan y hablen en la plaza pública". Expressões similares, ainda mais enfáticas, foram proferidas por Portinari em uma memorável palestra, empolgante, sobre "Sentido social del Arte" [3], organizada pelo Centro Académico e que contou com a presença de centenas de pessoas, desde famosos artistas como Antonio Berni, Juan Carlos Castagnino, Luis Falcini e outros, passando pelos estudantes de Belas Artes, até nós, adolescentes que nada sabíamos de arte, além de visitar exposições ou de ter feito algum curso de História da Arte no Ginásio.

É claro que a imprensa de esquerda, particularmente a comunista, deu muita cobertura à exposição. Mas acontece que a crítica era feita por especialistas de alto gabarito. Por exemplo, no jornal "La Hora" [4] escrevia Córdova Iturburu, crítico

bem conhecido (que depois se afastou da política): " Su voz, más que suya, es la voz de un instante del mundo, la voz de nuestro tiempo. No es casual, seguramente, que su técnica sea, en cierto modo, casi impersonal expresión de la técnica plástica de nuestros días. Si es posible, en realidad, lo impersonal en el arte". Era particularmente interesante una página inteira que lhe dedicou o semanário "Orientación" do P.C. [5]. Continha um artigo do escritor uruguaio Enrique Amorim (autor de "La Carreta") : "Esas mujeres arrodilladas, de una belleza conmovedora, están dispuestas a parir para que el mundo sea más bello y a morir si es necesario para que sus niños alcen barriletes hasta el cielo que aún no pueden contemplar sus ojos legañosos, sus pupilas nubladas". Também aparecia um artigo do nosso saudoso escritor Raúl González Tuñón, outro de Carlos Giambiagi e um retrato de Portinari, de autoria de J.C. Castagnino. Nessa página figurava o "Son a Portinari", do poeta cubano Nicolás Guillén que reproduzimos:

Para Cándido Portinari,
la miel y el ron,
y una guitarra de azúcar,
y una canción,
y un corazón.
Para Cándido Portinari
Buenos Aires y un bandoneón.

Ay, esta noche se puede,
se puede,
ay, esta noche se puede,
se puede,
se puede cantar un son !

- Un hombre de mano dura,
hecho de sangre y pintura
grita em la tela.
Sueña y fulgura
su sangre de mano dura;
sueña y fulgura
como tallado en candela;

sueña y fulgura
como una estrella en altura;
sueña y fulgura
como una chispa que vuela...
Sueña y fulgura.
Así, con su mano dura,
hecha de sangre y pintura
sobre la tela,
sueña y fulgura
un hombre de mano dura.
Portinari lo consuela,
y si se enferma, lo cura
al hombre de mano dura
que está gritando en la tela,
hecho de sangre y pintura

Sueña y fulgura.

Este "son" de Guillén, o artigo de Carlos Giambiagi

(nesse momento Presidente da "Sociedad de Artistas Plásticos" e um discurso de Héctor P. Agosti (representando a "Sociedad Argentina de Escritores") foram lidos no jantar em homenagem a Portinari, oferecido pela intelectualidade argentina [6]. Ainda nessa densa página do semanário aparecia o agradecimento de Portinari, na referida homenagem. Diz Portinari, entre outras coisas: "... Los hombres crean leyes y más leyes para oprimirse cada vez más: son los papeles de identidad, las impresiones digitales... La desconfianza brota por todas partes, y en tanto los pájaros cruzan los cielos, atraviesan fronteras sin pasaportes y sin declaraciones y van viviendo la vida. La vida es bella, el mundo es bueno. Hay de todo y para todos. Y, sin embargo, hay pueblos que se mueren de hambre". Mudou muito desde então ?

Em meio a tantos elogios, surgia uma observação crítica de Jorge Romero Brest, importante crítico de arte argentino [1]: "... Causa pesar, sin embargo, que el gran pintor brasileño limite su idea de lo "social" a las imágenes pesimistas y no lo represente en su aspecto activo, creador y progresista" . Achamos a observação talvez um pouco mesquinha. Seria como criticar Graciliano Ramos pela temática de seus livros ou a Alvaro Yunque, o contista argentino que relatava as tristezas dos meninos de nossas cidades. Ninguém pode obrigar ninguém a abranger , em uma obra artística, toda a realidade. Um artista pode ficar mais sensibilizado por um aspecto da realidade que por outro. E não é de se estranhar que o Cândido, tão comovido pela sua infância em Brodosqui [7], em contato com a miséria da sua terra, tivesse exposto na Galeria Peuser – e em toda parte – essa parcela da realidade brasileira, ainda hoje tão marcante. Contudo, a observação de Romero Brest merece outro reparo: quadros como "Meni

nos na Gangorra" (exposto naquela exposição de Buenos Aires) não encaixam na apreciação referida; são os quadros que mereciam do próprio Portinari este comentário: "Vocês sabem por que pinto tantos meninos em balanços e gangorras ? Para que fiquem perto do céu, como anjos".

Obviamente não só a imprensa de esquerda, mas também os grandes jornais argentinos daquela época, como "La Prensa", e ainda de hoje como "Clarín" e "La Nación" [8], fizeram eco, com grande destaque, da exposição de Portinari. Por sinal, digamos que não só nessa ocasião. Por exemplo, "La Nación" [9], dez anos depois, dedicou-lhe toda uma página, assinada pelo nosso conhecido Manuel Kantor sobre "Las pinturas Murales de Cândido Portinari".

Mas, voltando à exposição de 1947, eu me lembro ainda, 45 anos depois(!), do sucesso extraordinário que significou. Em qualquer reunião de estudantes se falava da exposição de Portinari, de seus meninos e mulheres chorando, impregnados de um expressionismo impactante, que nos fazia conhecer mais de perto uma parte da realidade brasileira. Ao mesmo tempo deleitava-nos com seu desenho tão particular e seu rico sentido das cores. Ainda estamos vendo aqueles pés, aquelas mãos, aqueles braços descomunais e os olhos transidos de dor e tristeza.

Durante a exposição, Portinari mostrava-se contente e feliz; na sua lapela esquerda luzia com orgulho a insígnia da Legião de Honra que o Governo Francês tinha-lhe conferido em 1946. E um fato simpático: no meio de personagens famosas como Rafael Alberti, Raquel Forner, Emilio Pettoruti, rolava entre as pernas de Portinari e de sua mulher, María, o filho João, então um menino de poucos anos.

Para não ficar atrás de seus "colegas" brasileiros que atacaram em 1943, a exposição de Lasar Segall, no Museu Nacional de Belas Artes do Rio, um grupo de nazistas argentinos colocou uma bomba na Galeria Peuser, por expor a obra de um pintor comunista, "dissolvente". A solidariedade com Portinari e a Galeria foi unânime.

Enfim, a repercussão incomum da exposição de Portinari ficou registrada na imprensa. O jornal Crítica (já desaparecido, que chegou a imprimir 3 edições diárias), progressista, anti-fascista, em um artigo de 5 colunas, colocava esta manchete: "La Exposición de Portinari es el Acontecimiento Artístico Más Transcendental de los Ultimos Años" [10].

A qualidade humana de Portinari, a sua bondade e afeto fizeram com que ele deixasse em Buenos Aires muitos amigos, além de todos os admiradores da sua obra. Entre tantos outros, eu — que obviamente estava fora do círculo onde ele se movia — posso testemunhar a fraternidade que sentiam por ele o escultor Luis Falcini, o advogado e escritor Norberto Frontini, o Dr. Simón Scheimberg e Carlos Giambiagi. Lembro-me que, a este último, Portinari presenteou com uma fina gravura onde escreveu esta dedicatória: "Para Giambiagi, o velho mais moço com a amizade de Portinari".

Durante muitos anos freqüentei a casa de Simón Scheimberg, pelo carinho com que ele e a sua mulher me acolhiam e pela amizade com seus filhos que vem desde a infância. Tinha oportunidade então de me deleitar com um quadro de Portinari, "Mulher chorando" (a "chorosa" diz Olga, a filha de Simón) (*).

(*)Esse quadro de Portinari, junto com outras 154 obras de imenso valor artístico foram doadas pelo Dr. Simón Scheimberg, antes de morrer, ao "Museo Nacional de Bellas Artes" (Buenos Aires) porque, dizia Scheimberg "as obras de arte são feitas para ser vistas pelo povo".

Também tive oportunidade de admirar na casa de Norberto Frontini^(*), até a sua morte, duas obras muito bonitas de Portinari: "Galo" e "Beijo de Judas", que foram expostas em setembro de 1984, quando da inauguração do "Centro de Estudios Brasileños" em Buenos Aires.

II) - Rio de Janeiro

Em abril de 1961 a minha esposa Myriam e eu tínhamos que viajar ao Rio, para fazer um estágio no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, nessa época atravessando um momento de fecunda atividade científica.

Me lembro que na manhã da partida do navio, fomos nos despedir de meu tio Carlos, em seu ateliê. Se não me recordo mal, ele estava pintando um retrato do escritor Horacio Quiroga, que tinha sido seu amigo em Salto (Uruguay) onde nasceram, e companheiro da longa aventura "misionera" em São Ignácio. Quando lhe comentamos que viríamos para o Rio, nos disse: "Não deixem de visitar Portinari, lembrando que são meus sobrinhos".

Quando chegamos ao Rio, ficamos impressionados com a cobertura que os jornais brasileiros - sem distinção política - davam a Portinari. Quase se falava mais dele do que de Pelé... . Até me lembro que, um certo dia, a Última Hora noticiou a chegada de Paris (onde estudava) para passar as férias no Rio, de seu filho João. Essa fama de Portinari acabou me inibindo e eu não liguei para ele.

(*)O advogado Norberto Frontini era amigo de muitos intelectuais brasileiros: Mário de Andrade, Lasar Segall, Graciliano Ramos, Portinari, Osny Duarte de Pereira, etc. Teve decisiva participação na saída de Buenos Aires para Montevideu (e não para Brasil, como queria o Governo brasileiro) de Luiz Carlos Prestes em 1930 [11].

Uma noite, em 19 de julho de 1961 (não esqueço a data!), por volta das oito horas, Myriam e eu andávamos sem muita pressa pela Av. Atlântica. Tínhamos marcado um jantar com um casal amigo no Restaurante Sorrento. Íamos pela Avenida, no Leme, conversando amenidades quando, de repente eu vi, no meio da calçada, a figura inconfundível de Portinari, baixo, manco, seus olhos, seu rosto simpático. Alvorçado, eu disse para Myriam: "esse é Portinari!". E, sem pensar duas vezes, armei-me de coragem e lancei-me sobre ele perguntando-lhe: "O Senhor é Portinari?"; ele me olhou, agora com o rosto duro, e respondeu com voz firme, quase desafiante: "Sim, e o Sr. quem é?". Inseguro, respondi com voz quase inaudível: "Eu sou Mario Giambiagi, sobrinho de Carlos Giambiagi". Subitamente, Portinari mudou a sua fisionomia e, abraçando-me com força, me disse: "Seu tio é um grande amigo" e logo começou a conversar. Em certo momento observou: "Desculpe Giambiagi, eu devo sair agora mesmo pois está sendo inaugurada a minha exposição na Galeria Bonino (muitos anos depois, lembramos com Giovanna Bonino essa exposição). Eu convido vocês para virem comigo em meu carro". Confesso que senti um pouco de vergonha quando respondi: "Nós agora temos um compromisso e logo depois vamos para a Galeria". Com efeito, jantamos rapidamente, pegamos um taxi e para lá fomos. Era uma multidão, em uma noite de grande vernissage; quando Portinari nos viu veio logo, como velhos amigos e dirigindo-se aos jornalistas e fotógrafos que enchiam o salão, disse: "O tio deste Sr. é um grande pintor". Eu me senti muito lisonjeado e os jornalistas, vendo a familiaridade com que nos tratava Portinari, começaram a nos fazer perguntas. Olhamos os quadros com a atenção própria de um vernissage... e, depois, falando com o pintor, lhe perguntamos: "Quando o Sr. faz uma ou-

tra exposição em Buenos Aires ?". Ele, que era extremamente exigente e rigoroso consigo mesmo, respondeu: "Ah, só quando eu tiver quadros tão bons quanto levei então".

Essa noite, ao nos despedirmos, Portinari disse: "Agora Giambiagi, vocês vêm uma noite em casa" e, quase se desculpando, "por favor, me liga antes". Fez uma pausa e acrescentou: "Por que nem Juscelino vai à minha casa sem ligar antes; mais ainda, nem Prestes...". Então eu disse: "Olhe Portinari que eu ligo a semana próxima". "Sim, claro", observou ele. Aquela noite foi para nós inesquecível. E a exposição teve o sucesso que era de se esperar.

Segundo o combinado, não se passaram dez dias e eu liguei para Portinari; marcamos logo um encontro para dois ou três dias depois. Quando fomos, estivemos várias horas, madrugada adentro, batendo papo. Primeiro nos mostrou os quadros que estava pintando, fazendo-nos longos comentários, inclusive técnicos. Ao saber que eu era químico, falou-nos sobre os pigmentos que usava nas suas pinturas, qualidades, durabilidades, etc. Era a etapa das "Denises". Ele estava doido com a sua netinha Denise, ainda bebê, e todos os meses pintava um quadro dela. Nós adoramos aquelas Denises, cujos detalhes Portinari desentranhava-nos. Depois voltamos para a sala e começamos uma conversa demorada, amiga. Falamos de tudo e de todos. A sinceridade de Portinari, aquela abertura para qualquer tema, artístico, científico, político ou (aparentemente) intrascendente, aquela transparência da sua alma, que surgia na sua fala, deslumbrou-nos. Discutimos, discrepamos muito em alguns pontos; afinal de contas havia uma geração de diferença... mais importante, porém, eram a presença e a personalidade de Portinari perante dois jovens cientistas de passagem

pelo Rio. Era engraçado ver e ouvir Portinari criticar personalidades que, no fundo, ele admirava e gostava. Mas, como fazia com a sua pintura, exagerava, ou deformava, para destacar seu pensamento e suas diferenças. É claro que a realidade brasileira foi tema da conversa. Em determinado momento, para sintetizar e resumir suas idéias disse, também exagerando: "Mas Giambiagi, que pode esperar você de um país com a metade da população analfabeta e a outra metade quase analfabeta?".

Falando do cotidiano, Portinari nos fez rir ao dizer : "Ontem fiquei aborrecido. Veio um bombeiro para fazer um conserto simples numa torneira; me pediu uma exorbitância pelo trabalho. Então eu perguntei-lhe: o Sr. é médico ? O bombeiro ficou desconcertado e respondeu: 'quem sou eu?!' Ah!" continuou o pintor, "porque o Sr. está me cobrando mais que o meu médico, numa consulta na semana passada". Sempre me lembro desse comentário quando trato com um bombeiro...

Essa noite nos deu uma aula do que significava o trabalho em arte, em ciência, em política. Retomando a expressão de Goethe, observava que a inspiração em arte era, fundamentalmente, "trabalho, trabalho e trabalho"; parecia minimizar a grandeza de seu próprio talento. Generalizava, e com razão, esse pensamento aos cientistas, pelos quais sentia verdadeira admiração ; na verdade, a ciência merecia-lhe um respeito profundo. Já mencionamos a ênfase que ele manifestava pela participação dos intelectuais no processo político-social. Ele estava obcecado com a idéia de que um artista - um cientista - deve ser, antes de tudo, um artista e um cientista competente. Lembrava com emoção a trajetória de seu amigo francês Joliot-Curie (Prêmio Nobel de Química em 1935, junto com a sua mulher Irène, pelos traba

lhos em radioatividade), como cientista e como homem, engajado nos problemas de seu país e de seu tempo.

Essa noite tivemos a nítida impressão de um homem que vivia com paixão seu obstinado "métier" de artista, preocupado vivamente com os ideais que dignificam a condição humana.

Não me lembro em que mês de 1961, Portinari viajou para a Europa. Era um domingo e ele nos convidou para um cafezinho depois do almoço; nessa tarde partia o navio. Ao longo da mesa estavam os familiares e alguns amigos. Um industrial italiano, milanês, tinha-o convidado para fazer uma exposição em Milão. Portinari tinha em mente, também, outros projetos europeus. "No meu regresso, eu conto para vocês" dizia-nos. Portinari parecia feliz e falava esperançoso de sua viagem. Nos despedimos com um forte e afetuoso abraço. Não pensamos então que seria a última vez que nos víamos.

Passaram-se uns poucos meses e nós não sabíamos que Portinari tinha voltado. Um dia de fevereiro de 1962, pelo noticiário do rádio, ouvimos a notícia da sua morte. Ficamos desolados e corremos à casa de sua consogra, também nossa amiga. Ela nos deu detalhes da morte e — inclusive — mostrou-nos o último e delicado cartão que Portinari tinha lhe enviado da Europa.

No dia seguinte foi o velório no imponente salão do ex-Ministério de Educação, cedido pelas altas autoridades nacionais. O filho João tinha pegado o primeiro avião em Paris e lá estava, junto ao féretro de seu pai.

Depois estivemos no Cemitério São João Batista, aguardando a chegada do cortejo. Lá estava todo o mundo cultural do Rio e milhares de pessoas do povo, de um povo melancólico, que ele tão bem tinha interpretado. O Cemitério de São João Batista,

encostado no morro, tem um aspecto sereno, que desdramatiza as cerimônias mortuárias. Posteriormente apareceu o féretro de Portinari no alto de um caminhão de bombeiros. Nós, acostumados às solenidades argentinas nessas ocasiões, ficamos espantados com a simplicidade desse ato final dedicado a um grande homem. Acompanhamos o féretro até o túmulo. Estava Carlos Lacerda, que falou como Governador do Estado da Guanabara. A poucos metros de Lacerda vimos Luiz Carlos Prestes, o amigo de Portinari.

A morte de Portinari teve repercussão em todo o mundo e, logicamente, em Buenos Aires. No dia 8 de fevereiro, os jornais argentinos "Clarín", "La Nación", "Noticias Gráficas", "El Mundo", "La Prensa", dedicaram grande espaço à notícia, fazendo a biografia do pintor.

A continuidade da obra do Cândido está dada pelo trabalho original, efetuado com talento e tenacidade, por João Portinari e colaboradores do Projeto Portinari. Ele preserva a memória do pintor, a obra e fatos relevantes da sua vida. Pelas palestras e divulgação do Projeto, podemos saber — por exemplo — como se aplicam ao estudo da obra sofisticadas técnicas de física, química e matemática, que eles aperfeiçoam em contato com instituições do exterior. As atividades do Projeto são conhecidas em Buenos Aires [12].

Como dissemos no início, este desordenado depoimento só pretende resumir uma lembrança de Portinari, recordando — fundamentalmente —, além de breves encontros pessoais, a exposição realizada em Buenos Aires, em 1947, e que foi um marco para a cultura argentina.

Ao terminar, revemos novamente essa figura incomum, de extraordinária bondade e infinita sabedoria humana que, com a sua

maravilhosa pintura, cheia de ternura, e a sua vibrante sensibilidade perante os problemas sociais, nos renova a esperança na vida, no homem e num mundo mais solidário.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus amigos Nelly Belda, Eugenia Jajam , Olga Scheimberg, Jorge R. Beovide e Guillermo Giambiagi, pela colaboração na procura do material jornalístico e fotográfico; a Roberto Moreira pela atenta leitura do manuscrito.

REFERÊNCIAS

- [1] "Horror temático y color feliz", Revista Qué, julho 29 (1947), Buenos Aires.
- [2] María Rosa Oliver, "Conversando con Cándido Portinari", Revista Sur, Nº 152 (1947), Buenos Aires, p. 86.
- [3] Portinari, "Sentido social del Arte", Cuadernillos de Cultura-CEBA- Nº 1, Nov. 1947, Buenos Aires.
- [4] C. Iturburu, "Portinari, Pintor de nuestro tiempo", La Hora, 26-07-47, Buenos Aires.
- [5] Orientación, Nº 402, 30-07-47, Buenos Aires.
- [6] La Prensa, 18-07-47, Buenos Aires.
- [7] Mário Filho, "A infância de Portinari", Ed. Bloch, Rio (1966).
- [8] La Nación, 18-07-47, Buenos Aires.
- [9] M. Kantor, "Las Pinturas Murales de Cándido Portinari", La Nación, 03-03-57, Buenos Aires.
- [10] Crítica, 18-07-47, Buenos Aires.
- [11] N. Frontini, "Carta a um amigo", Folhetim, Folha de São Paulo, 19-10-80, p. 9, São Paulo.
- [12] "Usan la informática para que se conozca la obra de Portinari", La Razón, 04-01-85, Buenos Aires.